



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de homenagem por ocasião das comemorações do Centenário  
do Sport Club Corinthians Paulista**

**São Paulo - SP, 31 de agosto de 2010**

Doze anos para ganhar as eleições para ser presidente e o cara lá grita:  
“Lula, Lula, Lula”. Chama de “excelência”, rapaz, para poder...

Olha, primeiro queria cumprimentar a minha companheira Marisa,

Cumprimentar os ministros Orlando Silva, do Esporte; Carlos Eduardo  
Gabas, da Previdência Social; Marcio Fortes, das Cidades, e Alexandre  
Padilha, da Secretaria de Relações Institucionais.

Quero cumprimentar o companheiro Fábio André Koff, presidente do  
Clube dos Treze,

Quero cumprimentar o companheiro Andrés Navarro Sanchez,  
presidente do Sport Club Corinthians Paulista,

Quero cumprimentar os vice-presidentes do Clube dos Treze, Juvenal  
Juvêncio e Roberto Horcades,

Quero cumprimentar os senhores dirigentes e presidentes de times de  
futebol aqui presentes,

Quero cumprimentar os atletas aqui presentes,

Cumprimentar a imprensa,

E dizer para vocês que é com muita alegria e muita satisfação que eu  
recebo esse título de Chanceler do Futebol. Hoje, Belluzzo, eu recebi o título de  
Embaixador do Setor Sucroalcooleiro de São Paulo. Se o Palmeiras quiser me  
dar um título, eu também aceito, não tem nenhum problema.

Mas, é um dia gratificante para mim, Andrés, poder estar aqui na sede  
do Corinthians, em uma festa do futebol brasileiro, onde os companheiros



dirigentes do esporte brasileiro estão reconhecendo não o trabalho de um homem, mas o trabalho de uma equipe. De uma equipe que levou em conta a importância do futebol para a nossa economia; de uma equipe que levou em conta o que representa o futebol para o lazer e o divertimento de milhões e milhões e milhões de brasileiros e brasileiras; de uma equipe que entendeu que, em vez de ficar apenas falando, era melhor ficar trabalhando para que a gente pudesse recuperar o prestígio do futebol brasileiro.

E, possivelmente, só poderia fazer isso uma equipe de governo, junto com um presidente da República, que conhecesse as arquibancadas dos clubes e dos campos de futebol do seu país. Só poderia agir assim um presidente da República e uma equipe de ministros que tivessem assistido a um jogo de futebol na Fazendinha, ou que tivessem assistido a um jogo de futebol no tempo em que o Palmeiras era chamado de Academia, no Jardim Suspenso, no Parque Antártica, ou alguém que teve o privilégio que eu tive de ver o Corinthians ser campeão em 1977 contra a Ponte Preta, no Estádio do Morumbi, ou alguém que pudesse assistir o Botafogo ganhar do Palmeiras no Maracanã, ou assistir um Fla-Flu, ou ver o Corinthians, em 1976, invadir o Rio de Janeiro com 80 mil pessoas para disputar com o nosso querido Fluminense, presidido por um pernambucano de Garanhuns e que... A verdade é que o Corinthians tecnicamente era inferior ao time do Fluminense, que tinha o Rivelino jogando no Fluminense e, mesmo assim, com um gol do Russo nós conseguimos ir para a final com o Internacional de Porto Alegre e que, depois, tivemos o azar de perder duas vezes para o Internacional. E, aí, eles nos enganaram: venderam o Caçapava e ficaram com o Falcão e o Paulo Sérgio Carpegiani.

O Corinthians, de vez em quando, tem azar. A Ferroviária de Araraquara tinha um meio de campo extraordinário, com Dudu e Bazzani. O Corinthians contrata o Bazzani e o Palmeiras contrata o Dudu. O Dudu virou um craque enorme e o Bazzani desapareceu, em um momento em que o Corinthians não



andava muito bem das pernas.

Bem, quem viveu tudo isso não poderia chegar à Presidência da República e fingir que o futebol era um antro de maus administradores; alguns diziam que era um antro de bandidos e que, portanto, o futebol brasileiro não podia dar certo.

A verdade é que nós mexemos muito nos marcos regulatórios, a começar do cuidado que tivemos quando estabelecemos o Estatuto do Torcedor, que é o que merece mais respeito, porque é graças a ele que existe o time que nós torcemos, que nós dirigimos e que nós gostamos.

Depois, havia uma inquietação com as dívidas dos clubes de futebol no nosso país. Clubes que estavam tão endividados que todo mundo que conhece minimamente de economia sabia que esses times não tinham como recuperar as suas finanças se não houvesse, por parte do Governo, um gesto. Não uma doação de dinheiro público, mas a criação de mecanismos que pudessem possibilitar aos clubes terem possibilidade de arrecadar o mínimo necessário para, ao mesmo tempo em que pagassem as suas dívidas, começassem a fazer a reformulação que precisavam nos seus clubes.

Ao mesmo tempo, nós tínhamos uma preocupação – e aí me veio uma inquietação cada vez que alguém coloca como ministro alguém para cuidar apenas com uma visão corporativa, e que as coisas acontecem nem sempre como a gente deseja. Eu, por exemplo, teve um momento que me inquietava profundamente o fato de nós tirarmos o jogador de futebol do berçário e ele já ser vendido e a gente só o recebia de volta na aposentadoria. Essa era uma inquietação, que eu penso que é uma inquietação da maioria dos dirigentes.

Obviamente que não está na nossa cabeça tentar criar nenhum mecanismo que proíba a liberdade individual de um ser humano ir para onde bem entender, no momento em que bem entender, sobretudo truncar a possibilidade de um jovem vencer na vida, ganhar um salário em euro ou em dólar, morar na Europa. Longe de pensar que nós teríamos coragem de um ato



de insanidade desses, ou até, muitas vezes, de proibir que um clube fizesse negócio quando o clube quisesse fazer o negócio.

Mas é preciso que tenha a lei da compensação. Muitas vezes, também, um clube investe em um jovem desde os 10 anos de idade, sete anos de idade, oito anos de idade e quando esse jovem começa a despontar alguma coisa ele ia embora, como alguns foram embora e o clube não ganhava nada. Ou seja, compatibilizar essa liberdade de o clube fazer negócio, essa liberdade do jogador ir embora com a compensação por quem criou, por quem apostou. É uma coisa que nós ainda precisamos trabalhar um pouco para que a gente possa chegar em um ponto de equilíbrio em que todos estejam satisfeitos. Eu estou convencido que chegaremos a isso.

Uma coisa que me faz me tornar um torcedor angustiado... já leva de volta... Uma coisa que me faz um torcedor angustiado é que nós ainda não resolvemos o problema de profissionalizar os clubes brasileiros. Eu, às vezes, não consigo entender como é que um clube que tem a torcida que o Santa Cruz tem, em Pernambuco, esteja na terceira série, esteja na quarta ou quinta série – quarta. Eu não consigo compreender como é que um time com a força que tem o Esporte Clube Bahia esteja na segunda. Às vezes, tem time que está na segunda no Brasileiro e está na quarta no estadual ou vice-versa. E, sinceramente, às vezes eu fico com inveja de clubes que têm as coisas todas acertadinhas como em São Paulo, ou um time que tem as coisas como o Cruzeiro tinha, ou o Atlético Paranaense.

Eu ficava imaginando: não é possível – e pode ficar certo, Andrés, porque faltam quatro meses para eu deixar a Presidência do Brasil e eu não quero a presidência do Corinthians, muito menos quero voltar a ter algum cargo –, mas não é possível que o Corinthians não tenha 150 mil sócios aqui em São Paulo, não tem explicação. Se a gente fizer um trabalho, fazer como o Internacional de Porto Alegre, que quase se autossustenta com associados. Nós precisamos fazer com que a nossa torcida seja parte da sustentabilidade



das finanças que o nosso clube tem. Não podemos ficar a despeito apenas do patrocínio que, muitas vezes, se o time está bem vem, se o time não está bem não vem, ou não podemos ficar a despeito, também, apenas da transmissão da televisão. É preciso combinar: nós precisamos da televisão, nós precisamos do patrocínio, mas nós precisamos de uma imensa gama de associados nos clubes deste país. Essa é uma tarefa, uma tarefa importante.

Ô Hélio, você, que é prefeito de Campinas, certamente torcedor da “macaca”, vem aqui torcer porque o seu segundo time é o Corinthians, você sabe perfeitamente bem. Ô Andrés, quando eu entrei no sindicato, as pessoas não queriam ficar sócias do sindicato, as pessoas diziam que dirigente sindical era ladrão, as pessoas diziam que todo dirigente sindical era pelego. Nós fomos para a porta de fábrica trabalhar, trabalhar, trabalhar, trabalhar e hoje as pessoas sentem orgulho de serem sócias do sindicato.

Eu acho que todos os times, todos os times... Não é ter meia dúzia de torcida organizada que vai lá para provocar briga, não, é ter torcedor que sai com a sua família para ir assistir um clássico, para assistir um jogo, e volta para casa como se tivesse ido para um teatro, para um cinema, para qualquer lugar.

E aí é que eu acho que nós ainda estamos devendo a nós mesmos, e eu não vou ficar procurando culpado, porque possivelmente não saiba quem é o culpado e não tenha solução definitiva, mas eu fico vendo o futebol europeu pela televisão, o Ronaldo é especialista em futebol europeu. Eles têm uma organização, muitas vezes, melhor do que a nossa, porque profissionalizaram melhor do que a gente.

Eu acho que é um caminho que nós vamos caminhar. Não é fácil, é mais fácil falar, é mais fácil ficar em um canal de televisão, em uma rádio, com um microfone falando, porque quando a gente tem uma ideia para falar é muito fácil, o duro é você concretizar. Saber como levanta um tijolo e faz um alicerce todo mundo sabe. Agora vai lá pegar a pá, a colher, mexer a massa e fazer o alicerce para ver se todo mundo sabe fazer.



Eu só quero que vocês saibam o seguinte: eu fico lisonjeado, estou muito orgulhoso de poder ver o Corinthians completar 100 anos. Eu, que há mais de meio século torço para o Corinthians, comecei a torcer para o Corinthians em [19]54, portanto, já faz 56 anos que eu estou torcendo para o Corinthians, ou seja, metade da minha vida... Metade da minha vida, ó! Eu estou com 64 anos, ou seja, a minha vida inteira eu fui corintiano. Aguentei o período “faz-me rir”. Todo mundo sabe o quanto foi duro, Agnaldo, como foi duro aqui em São Paulo a gente enfrentar o Santos toda hora batendo na gente; a gente com um jogador chamado Espanhol, com um jogador jogar no Beirute – parecia mais comida árabe do que jogador de futebol, mas era o que a gente tinha. E a gente vinha aqui... Eu continuo mais corintiano do que nunca, sofro mais do que nunca. A Marisa, de vez em quando, me tira da sala, porque acha que eu sou “pé-frio”. E às vezes eu saio da sala, o Corinthians marca um gol, ela fala: “Está vendo? É porque você saiu da sala, se você fica aqui...” Eu, às vezes, falta meia hora para terminar o jogo, eu sou obrigado a sair para pegar o avião, o Corinthians está perdendo, ela fala: “Vai embora, vai embora que eu te ligo, vai embora que eu te ligo”. Daqui a pouco, ela liga: “Empatou”. Daqui a pouco liga: “Marcou outro”. Então, eu fico com um pé dentro e um pé fora, para ver se eu dou mais sorte do que prejuízo ao meu Corinthians.

Eu, então, quero agradecer a vocês. Quero agradecer, e vocês podem contar comigo. O meu ministro da Previdência, o companheiro Gabas, esses dias a gente estava discutindo e eu pedi para ele fazer um estudo para ver se nós temos condições de criar um plano de previdência para os jogadores de futebol neste país. Porque mesmo nos clubes grandes, não são todos aqueles que ganham muito, e a maioria dos jogadores brasileiros ganha muito pouco. A chance de eles ganharem um pouco é chegar a um time grande ou ir para o exterior. Muitos começam em clubes pequenos e terminam em clube pequeno e, muitas vezes, alguns que ganharam muito dinheiro não souberam



administrar e perderam. Então, eu acho que nós temos que propor e eu pretendo comunicar ao Grupo dos Treze, antes de deixar a Presidência, quem sabe a gente fazer uma reunião em Brasília para apresentar para vocês uma proposta de Previdência para os jogadores de futebol brasileiros, para deixar as pessoas mais tranquilas.

E comunicar a vocês todos, já comuniquei ao Orlando: no dia em que os clubes de futebol quiserem acabar com os cambistas nos estádios e quiserem que o sistema de loteria deste país venda ingressos para o público, estejam certos de que a Caixa Econômica já está pronta para vender quantos ingressos as pessoas quiserem, em toda a rede lotérica da Caixa, em toda a rede lotérica. No dia que vocês quiserem, é só proporem o Orlando, nós convocamos uma conversa e anunciamos para vocês quando e como começa esse trabalho.

No mais, de coração, muito obrigado a vocês. Saio daqui mais corintiano, saio daqui mais comprometido com o Corinthians, com o passaporte corintiano, com uma caneta bonita que eu ganhei, que vocês não viram, corinthiana, a minha mulher com o passaporte corintiano, certamente meus filhos todos terão passaporte corintiano, porque eu não quero ninguém vivendo na clandestinidade na nação corinthiana.

Um abraço a todos vocês e obrigado pelo carinho.

(\$211A)



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---